

**UMA EXPERIÊNCIA EM MEIO A INCERTEZAS:
A AFETIVIDADE NO ENSINO HÍBRIDO**

Catarina Cavalcanti C. Alves (UEL)

Lara Guilherme (UEL)

RESUMO: O presente trabalho busca compreender a importância da afetividade no meio escolar, em especial na condição do ensino híbrido, e sua influência no desenvolvimento do aluno. O estudo discorrerá sobre a afetividade enquanto dispositivo pedagógico a partir dos relatos de docência exercida durante o programa de Residência Pedagógica no ano de 2021 e 2022. A afetividade esteve presente em pequenas ações, tanto por parte do professor preceptor quanto dos alunos, evidenciando que os laços criados tornavam o aprendizado mais prazeroso e, por consequência, mais eficiente, justificando a relevância deste relatório para o meio acadêmico. Ainda que a experiência de regência tenha ocorrido em maior parte no ensino híbrido, foi possível refletir sobre e praticar maneiras de se criar vínculos na relação docente-discentes.

PALAVRAS-CHAVE: Afetividade; Ensino Híbrido; Residência Pedagógica.

1 Introdução

O programa de Residência Pedagógica, ofertado pelo Governo Federal, é um dos programas que compõem a Política Nacional de Formação de Professores. A Residência Pedagógica possui a finalidade de contribuir com a preparação do aluno que estará se diplomando como professor, e, por consequência, aperfeiçoa a qualidade do ensino nas escolas, posto que a excelência do ensino ofertado pelos colégios públicos também depende dos futuros profissionais da educação que estarão ali, ensinando e também aprendendo. Dessa forma, o programa estrutura-se em duas etapas, sendo elas a observação e a regência, ambas realizadas com o apoio da professora preceptora que dá suporte ao aluno residente, com o objetivo de direcioná-lo em relação a todos os aspectos que dizem respeito à sala de aula.

O relato aqui retratado ocorreu, infelizmente, em sua maior parte, de maneira híbrida (o residente participava pelo Google Meet, enquanto os alunos participavam em sala de aula) e individual no ano de 2021. A temática tratada foi a análise linguística para o 2º ano do Ensino Médio. Ao fim, já no ano de 2022, aconteceu de maneira presencial, em dupla, com poucos, porém significativos encontros com a mesma turma, que já estava no 3º ano do Ensino Médio, trabalhando a produção de texto com foco no vestibular.

O presente trabalho irá abordar a importância do vínculo de afetividade entre professor e aluno, além da possibilidade de desenvolver esse vínculo no ensino híbrido, focalizando de que maneira se dá essa relação tão importante e essencial para o aluno, facilitando a aprendizagem, e para o trabalho do professor em sala de aula. Para isso, serão utilizados autores que são referências neste assunto tão importante para a área da educação, como Paulo Freire, Antônio Eugênio, Freud, entre outros.

2 Definição e importância da afetividade

Nos primeiros anos da infância, os pais são a principal influência para a criança em todos os aspectos da vida. Com o passar dos anos, o professor também assume o protagonismo nessa função, momento em que o jovem enxerga o educador enquanto um mediador de seu futuro – e de certa forma ele será. De acordo com a matéria “Como funciona o cérebro do adolescente”, publicada na Revista Educação (2016), o cérebro humano pode demorar até o início da vida adulta, por volta dos 21 anos, para desenvolver todo crescimento neuronal, fazendo com que os adolescentes busquem pessoas mais velhas para se espelharem, uma vez que ainda não adquiriram completa maturidade emocional.

A puberdade é um momento muito instável para o adolescente, que passa por diversas mudanças em seu corpo e em seu humor, além de lidar com muitos sentimentos, o que afeta diretamente sua maneira de lidar com o mundo. O jovem aluno pode, muitas vezes, ver-se perdido em relação ao seu futuro, preso numa espécie de limbo, enquanto tenta buscar e definir a própria identidade pessoal, questionando e definindo crenças, preferências e valores.

A afetividade, segundo o Dicionário Aurélio (1974), é um “conjunto de fenômenos psíquicos que se manifestam sob a forma de emoções, sentimentos e paixões, acompanhados sempre da impressão de dor ou prazer, de satisfação ou insatisfação, de alegria ou tristeza.” Já no sentido pedagógico, de acordo com Cunha (2012, p. 135), “O afeto é um dispositivo pedagógico que está à frente do uso do giz e da lousa, traz a vivência de um prazer e de uma alegria, empenha qualidades e emoções”.

Juntando essas definições ao fato de o adolescente buscar alguém para se apoiar em seu processo de maturidade, no sentido educacional, o afeto acaba sendo fundamental e

indispensável, pois torna o processo de aprendizagem mais deleitoso e benéfico tanto para o docente quanto para o discente, devido aos vínculos que podem ser desenvolvidos. Assim, os momentos de aula e de conteúdo teórico acabam não sendo tão “maçantes”, o professor acaba tendo mais liberdade para trabalhar com a turma e conversar de assuntos que interessem a ela, além de influenciar positivamente na própria visão da matéria durante toda a vida escolar, diferentemente do que seria se não tivessem sido desenvolvidas tais afinidades, o que pode gerar um desinteresse geral pelo conteúdo, um ambiente não confortável, tanto para o aluno quanto para o professor, e maior facilidade para criação de conflitos.

Visando à explicação do porquê isso ocorre, recorreremos à teoria psicanalítica de Freud, que, amplamente conhecida e aplicada na área da psicologia, traz o conceito de transferência, com implicações na educação. A transferência é um fenômeno psicológico em que os anseios, fantasias e padrões de sentimentos vividos anteriormente são transferidos a uma pessoa atual (FREUD, 1996). É algo inevitável e inconsciente que acaba ocorrendo também na educação. Os alunos transferem suas experiências emocionais passadas para o ambiente educacional e para o professor, afetando a relação com o próprio professor e a aprendizagem. Quando o processo é positivo, o aluno tende a investir mais nessa relação e, por isso, acaba estudando mais. Além disso, a própria relação do docente com o discente nessa época pode influenciar também nas futuras relações interpessoais e consequentes eventos de transferência do adolescente.

Assim, Paulo Freire diz (1996, p. 43): “O educador que escuta aprende a difícil lição de transformar o seu discurso, às vezes necessário, ao aluno, em uma fala com ele”. Por tudo isso, nota-se a importância desse relacionamento afetivo entre professor e aluno, tomando como base a empatia e o respeito, e não o medo da figura de autoridade que o docente representa.

3 Relato da Residência: o valor da afetividade

A Residência Pedagógica é constituída por duas etapas: a primeira é a observação, na qual o aluno estagiário observa a maneira como a preceptora conduz a aula, em especial a forma que ela utiliza os gestos didáticos com a finalidade de manter a atenção voltada para a aula e o perfil da turma; já o segundo passo é a regência, na qual o aluno estagiário

experiencia estar à frente da sala de aula e empregar o que foi visto durante a graduação em conjunto às orientações da preceptora.

As aulas de regência e de observação aqui relatadas ocorreram durante o período de ensino híbrido no Ensino Médio, com a professora preceptora e a turma do 2º ano C, que logo viria a se tornar o 3º ano C. Nesse período, nós, residentes, ministramos remotamente os conteúdos para os alunos que estavam em sala de aula, visto que a Universidade ainda não havia voltado para o ensino presencial.

Antes de realizar a primeira observação, a professora preceptora teceu considerações a respeito da turma, sobre como ela geria sua aula e de que forma a sala correspondia. As opiniões passadas sobre a classe eram positivas e, por consequência, grandes expectativas foram criadas para o primeiro momento do contato com os alunos.

O primeiro contato com os alunos foi feito na sala virtual criada pelo *Google Meet*, com a câmera aberta, visando criar uma primeira boa impressão, mesmo que a distância. Então, a professora nos apresentou e houve a oportunidade de cumprimentar a todos. Os alunos foram extremamente amigáveis e receptivos, criando um ambiente de acolhida na sala que com certeza ficará na memória.

No momento de observação das aulas, tanto no híbrido quanto no presencial, foi perceptível o modo como a professora preceptora conduzia suas aulas: ela conhecia tão bem a turma que conseguia identificar e direcionar a aula de acordo com o agir dos alunos, selecionando o método que mais se adequava àquela realidade, a exemplo da utilização de metodologias ativas, em especial os jogos didáticos. Foi observado também que era recíproco esse sentimento de empatia e carinho pela professora por parte dos discentes, uma vez que eles sempre estavam se preocupando com o bem-estar dela e de seus familiares, sobre os quais ela comentava às vezes.

O vínculo presente entre ela e os alunos era muito nítido. Isso tornava a aula leve e frutiva. Sobre a questão do vínculo afetivo, Davis e Oliveira (1994, p. 23) pontuam:

O afeto é um ato imprescindível para boas relações humanas, eficaz para reforçar potencialidades podendo ser entendido como a energia necessária para que a estrutura cognitiva passe a operar. E mais: ele influencia a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade.

Nessa fase, ainda que de forma híbrida, já surgiram inúmeras ideias sobre como construir uma boa relação com os alunos e sobre formas de lecionar que se encaixassem no perfil da sala. Algumas ideias foram: prosseguir sempre com a câmera ligada e procurar conhecer mais sobre a vida e realidade deles, além de buscar entender seus objetivos futuros, especialmente em relação à faculdade, uma vez que a troca entre escola e universidade é essencial.

Ao final de todas as aulas observadas, a felicidade predominava. Os alunos demonstravam carinho, seja por meio de um “tchau” com sorrisos e risadas, seja com perguntas sobre como estávamos, demonstrando que eles não se esqueceram de que estávamos ali, ainda que por detrás de uma tela.

Em razão de todas essas situações relatadas, não demorou muito para que uma relação afetiva de carinho e respeito se desenvolvesse, o que seria essencial para a regência, já que, pouco a pouco, conquistávamos a confiança dos alunos, que se mostravam muito interessados e receptivos.

3.1 As experiências vivenciadas nas regências

Gostaríamos de falar que a primeira experiência com a regência foi tranquila e sem nervosismos, porém essa sensação esteve presente. Todo um material foi preparado previamente para trabalhar, em conjunto com a turma, o conteúdo da análise linguística sobre o complemento nominal. O que ocorreu de forma inesperada foram as dificuldades técnicas com as ferramentas tão habituais dentro do ensino híbrido, como a função de apresentar *slides* e páginas da internet. Tais ocorrências foram suficientes para gerar ainda mais nervosismo, entretanto os alunos, como sempre empáticos, ajudaram e indicaram a melhor solução para o problema, já que eles detêm mais conhecimentos tecnológicos.

Além disso, como essa era a primeira experiência lecionando e o próprio ensino híbrido acaba tornando as coisas mais rápidas, o tempo de aula acabou sendo mal calculado, sobrando tempo, mesmo após termos momentos de exposição da matéria e de resolução dos exercícios. Mais uma vez, os alunos e a professora conseguiram ajudar a contornar a situação da melhor forma possível, utilizando o tempo restante para nos familiarizarmos ainda mais. Com as conversas finais, foi mais fácil conhecer os objetivos e perspectivas dos alunos sobre

a universidade, quando foi possível expor pontos positivos sobre o curso de Letras-Português. Dessa forma, uma prática que tinha tudo para ser desagradável acabou virando uma lembrança de muitos aprendizados.

A partir dessa experiência, foi possível preparar de forma mais certa a regência seguinte, alterando a metodologia, pois os aprendizados colhidos na aula anterior guiaram a escolha das atividades. Como observado, a professora preceptora sempre elaborava jogos relacionados à matéria, o que serviu de inspiração para o seguinte esquema de aula: apresentar a matéria, fazer exercícios em conjunto e, por fim, colocar em prática o conteúdo de forma lúdica e ativa, com uma competição saudável entre meninos e meninas, buscando estimular o aprendizado e fixar a matéria de maneira fluida e divertida. Nessa perspectiva, defende Cunha (2012, p. 82):

Aprendizagem é efetivada pelas trocas sociais, onde a mediação torna-se relevante. Quanto mais profícua for essa ligação, maiores serão as condições de o estudante desenvolver-se. A ação do mediador não é a de facilitar porque mediar processos de aprendizagem é, sem sombras de dúvidas, provocar, trazer desafios, motivar quem vai aprender. Um dos princípios escopos da mediação é criar vínculos entre educando, o professor e o espaço escolar.

A partir dessas experiências, entendemos que é imprescindível que o educador perceba que buscar ter uma boa relação com seus alunos é essencial para o bom aproveitamento da aula e para o aprendizado. A afetividade foi de extrema importância para a experiência na Residência, já que os vínculos afetivos saudáveis criados no ensino híbrido levaram a uma melhor adequação metodológica, buscando sempre instigar nos discentes a vontade de aprender e acolher de uma forma mais receptiva os conteúdos ali ministrados.

3.2 Relatos sobre a volta do ensino presencial

Depois de muito ansiar por esse momento, foi liberada a volta dos residentes para as escolas, podendo, assim, haver o ensino presencial. Quando começou o ano de 2022, a professora preceptora marcou reunião com todas as residentes e, de prontidão, adiantou que seria presencial e em dupla nossa regência. Como a turma já era conhecida, na reunião,

acentuamos que seria bom continuar com a mesma sala, ainda que o ano em que eles estavam tivesse mudado.

A experiência encantadora vivenciada só foi possível por conta do vínculo criado anteriormente. A aula foi marcada por risadas e pelo já conhecido jogo educativo, visto que eles se deram muito bem com esse tipo de metodologia no ensino híbrido. No ensino presencial, foi possível dar guloseimas de gratificação pela participação de todos.

Desta maneira, foi possível enxergar a importância que o ensino híbrido teve no sentido de propiciar a criação de laços, pois os frutos dessa boa relação foram ainda mais perceptíveis na regência presencial. O ambiente se tornou agradável e propício a um maior aprendizado, e os alunos se sentiram à vontade para participar da aula, dar risadas e tirar as dúvidas.

4. Considerações Finais

A afetividade no ensino é um ponto essencial para promover um aprendizado mais efetivo, uma vez que proporciona o desenvolvimento escolar de maneira significativamente mais fluida e efetiva. O aluno passa a enxergar no professor não apenas um mestre que deposita conteúdos, mas sim um mediador que torna a disciplina mais prazerosa. Já o educador, a partir desse sentimento de afetividade, dentro do ambiente escolar, consegue crescer como profissional, porque compreende melhor seus alunos e pode aplicar melhor as metodologias.

Neste relato, o maior desafio foi a criação de vínculos no ensino híbrido e, conseqüentemente, conseguir lecionar os conteúdos, pois havia sempre uma preocupação com o interesse dos alunos acerca dos temas. A partir de jogos educacionais e atividades interativas, o objetivo de adequar as aulas à situação em que nos encontrávamos foi cumprido.

Dessa forma, foi possível ver o quanto é necessária a reflexão sobre a importância e a ação da afetividade no processo de ensino, conscientizando a todos os docentes da magnitude do papel de professor e como ele pode influenciar na vida do discente, de maneira positiva ou negativa, já que a experiência pode impactar diretamente na relação que ele terá com a matéria nos anos futuros.

Referências

CUNHA, Antônio Eugênio. *Práticas Pedagógicas para a inclusão e diversidade*. 2.ed. Rio de Janeiro: Walk, 2012.

DAVIS, Cláudia. OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. *Psicologia na educação* (Coleção Magistério. 2º grau. Série formação do professor). 2.ed. São Paulo: Cortez, 1994

FERREIRA, Aurélio Buarque. *Novo dicionário Aurélio*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1974.

FLORÊNCIA, Rutemara. *A Importância da Afetividade da Aprendizagem dos Alunos*, Faculdade de Ciências, Educação e Teologia do Norte do Brasil. 2011. Disponível em: [http://www.faceten.edu.br/Importancia%20da%20afetividade%20na%20aprendizagem m.pdf](http://www.faceten.edu.br/Importancia%20da%20afetividade%20na%20aprendizagem.pdf)
Acesso em: 12/02/2022

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

FREUD, Sigmund. *A dinâmica da transferência* (1912). Edição Standard Brasileira das Obras Completas, v. 12, p. 131-143, 1996.

GOLDANI, Andrea. TOGATLIAN, Marco Aurélio. COSTA, Rosane de Albuquerque. *Desenvolvimento, Emoção e Relacionamento na Escola*. Rio de Janeiro: Epapers, 2010.

LA ROSA, Jorge (Org.); FERREIRA, Berta Weil; SANTOS, Bettina Steren dos; RIES, Bruno Edgar; RODRIGUES, Elaine Wainberg; ZANELLA, Liane; RAMOS, Maria Beatriz Jacques. *Psicologia e educação: o significado do aprender*. 9. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006.

STAM, Gilberto. Como funciona o cérebro do adolescente. In: *Como funciona o cérebro do adolescente*. 234. ed. Revista Educação, 17 nov. 2006. Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2016/11/17/como-funciona-o-cerebro-do-adolescente/> Acesso em: 28 fev.2022.